

Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

3



Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019

Anna Paula Lombardi

(Organizadora)

**Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas
3**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arqueologia das ciências humanas e sociais aplicadas 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-051-3

DOI 10.22533/at.ed.513191601

1. Educação – Brasil. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. I. Lombardi, Anna Paula. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” aborda uma série de livros de publicação da editora Atena. O volume 3, apresenta 22 capítulos sobre os aspectos relevantes da educação e ou práticas educacionais. Os temas incluem um processo amplo de reflexão sobre a educação brasileira contemporânea.

As principais características do ensino e aprendizagem sob a ótica atuais fidedignas do setor educacional, estão apresentadas em capítulos como a relevância das tecnologias digitais utilizadas como uma metodologia imprescindível promovendo a equidade social nas diversas séries de ensino. As políticas afirmativas, as cotas é uma outra configuração que possibilita a inclusão de alunos no ensino superior. A violência na escola é outro tema que deve ser tratado como um debate inesgotável. A produção no espaço escolar pelo profissional e a formação do professor como aspecto positivo de desenvolvimento local e regional, são os assuntos abordados.

A importância desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância dos temas abordados.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DOCÊNCIA NO CONTEXTO ATUAL DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: A EDUCAÇÃO VIRTUAL IMERSIVA	
<i>Marcelo P. Da Roza</i>	
<i>Jiani C. Da Roza</i>	
<i>Adriana M. Da R. Veiga</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916011	
CAPÍTULO 2	14
A INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NOS CURSOS DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP)	
<i>Maria Francisca da Cunha</i>	
<i>Sueli Liberatti Javaroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916012	
CAPÍTULO 3	24
A INTEGRAÇÃO PEDAGÓGICA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA FORMAÇÃO ATIVA DE PROFESSORES	
<i>Ana Luísa Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916013	
CAPÍTULO 4	38
FORMAÇÃO DOCENTE EM CONTEXTO EAD, TECNOLOGIAS E AVALIAÇÃO	
<i>Ana Paula Soares</i>	
<i>Luana Priscila Wunsch</i>	
<i>Lincoln Mendes de Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916014	
CAPÍTULO 5	54
USO DO SCRATCH E DA PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES PARA A POTENCIALIZAÇÃO DA CRIATIVIDADE	
<i>Amilton Rodrigo de Quadros Martins</i>	
<i>Adriano Canabarro Teixeira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916015	
CAPÍTULO 6	68
JOGOS DIGITAIS EDUCATIVOS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA: E AGORA, PROFESSOR?	
<i>Jociléa de Souza Tataçiba</i>	
<i>Sonia Regina Mendes dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916016	
CAPÍTULO 7	76
GERAÇÃO CONECTADA NO ENSINO SUPERIOR	
<i>Luiza Carravetta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916017	
CAPÍTULO 8	95
AVALIAÇÃO EM UM CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR E CONTEXTUALIZADA COM A PRÁTICA PROFISSIONAL	
<i>Luiz Fernando Delboni Lomba</i>	
<i>Olavo José Luiz Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916018	

CAPÍTULO 9	105
CONSTRUÇÃO DE AGENDA SOBRE EMPREENDEDORISMO JUVENIL NAS CONFERENCIAS NACIONAIS DE EDUCAÇÃO E JUVENTUDE NO BRASIL	
<i>Maria Tarcisa Silva Bega</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5131916019	
CAPÍTULO 10	120
UMA NOVA ANÁLISE DA AÇÃO AFIRMATIVA COTA RACIAL SOB A ÓTICA DO RECONHECIMENTO	
<i>Soraya Gonçalves dos Santos Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160110	
CAPÍTULO 11	133
POLÍTICA E EDUCAÇÃO DE AFRODESCENDENTES NO BRASIL	
<i>Elaine Silva Alegre</i>	
<i>Liliane Capilé Charbel Novais</i>	
<i>Rozimeire Satiko Shimizu</i>	
<i>Marilza de Fátima Souza</i>	
<i>Elizabeth Leite de Oliveira Teodoro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160111	
CAPÍTULO 12	146
DO INGRESSO A PERMANÊNCIA: ESTUDOS SOBRE POLÍTICAS AFIRMATIVAS DE COTAS NO CURSO DE AGRONOMIA	
<i>Jean Carlo Nogueira Baron</i>	
<i>Paola Alves</i>	
<i>Tatiane Kucmanski</i>	
<i>Aline Ariana Alcântara Anacleto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160112	
CAPÍTULO 13	150
VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO	
<i>Rogério Goulart da Silva</i>	
<i>Maria Regina Ferreira da Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160113	
CAPÍTULO 14	161
TRÍADE MULTIDISCIPLINAR: FAMÍLIA(S), CRIANÇA(S) E ESCOLA(S)	
<i>Eliane Lima Piske</i>	
<i>Ângela Adriane Bersch</i>	
<i>Maria Ângela Mattar Yunes</i>	
<i>Narjara Mendes Garcia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160114	
CAPÍTULO 15	168
EDGAR MORIN E O PENSAMENTO COMPLEXO: PERSPECTIVAS NA CIÊNCIAS SOCIAIS	
<i>Nei Alberto Salles Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160115	

CAPÍTULO 16	178
EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICA, FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL E DESAFIOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
<i>Vera Núbia Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160116	
CAPÍTULO 17	191
A ÉTICA DO CUIDADO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: POSSIBILIDADE DE PRÁXIS HUMANIZADORA?	
<i>Ilíria François Wahlbrinck</i>	
<i>Luci Mary Duso Pacheco</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160117	
CAPÍTULO 18	202
A FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA: PROCESSO E DESTAQUES CUIABANOS NO SÉCULO XX	
<i>Geisa Luiza de Arruda</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160118	
CAPÍTULO 19	212
LUGARES DE MEMÓRIA, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL	
<i>Shirlei Alexandra Fetter</i>	
<i>Daniel Luciano Gevehr</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160119	
CAPÍTULO 20	224
ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: AVANÇOS E NOVOS DESAFIOS	
<i>Jovina Maria de Barros Bruno</i>	
<i>Rita de Cassia Santos Freitas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160120	
CAPÍTULO 21	237
REFLEXÕES SOBRE A INSERÇÃO PROFISSIONAL COMO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE INDIVIDUADA	
<i>Amanda Ribeiro da Luz</i>	
<i>Francielle Molon da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160121	
CAPÍTULO 22	253
ANÁLISE SEMIÓTICA DE TEXTOS VISUAIS CINEMATOGRAFICOS	
<i>Ana Carolina de Souza Moreira dos Santos</i>	
<i>Carlos Vinicius Veneziani dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.51319160122	
SOBRE A ORGANIZADORA	261

Alfred Hitchcock, como mestre do suspense e do mistério, e consolidou seu estilo cinematográfico. A narrativa focaliza um detetive (John “Scottie” Ferguson) forçado à aposentadoria precoce depois que um incidente, durante expediente, ocasionou o desenvolvimento de acrofobia (medo extremo de alturas) e vertigem (uma falsa sensação de movimento de rotação). Scottie é contratado por um conhecido, Gavin Elster, como investigador particular, para seguir sua esposa, Madeleine, que vem se comportando de forma estranha. O suspense ganha corpo à medida que as escolhas do enunciatário oferecem pistas parciais à percepção do enunciatário. A clarificação desses conceitos e de suas funções implica uma aproximação com a teoria semiótica e seus princípios de análise.

Diana Barros (2011), em *Teoria Semiótica do Texto*, oferece subsídios teóricos iniciais para a compreensão da semiótica de linha francesa, greimasiana, na qual a noção de “texto” pode ser aplicada para quaisquer objetos de comunicação, inclusive análises visuais, como no caso de obras cinematográficas. Assim, ela afirma que “a semiótica tem por objetivo o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2011, p. 7).

Não só a noção ampla de texto é importante para a semiótica, como também a de efeito de sentido, que, segundo essa abordagem, conseguimos apreender por meio da análise dos textos. Um texto pode-se definir de duas formas como a autora diz:

“um texto define-se de duas formas que se complementam: pela organização ou estruturação que faz dele um corpo de sentido, como objeto da comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário” (BARROS, 2011, p. 7)

Compreendendo a complementaridade dessas duas faces da análise textual, procuramos, neste trabalho, manter foco sobre as características de organização e estruturação. Por essa razão, a escolha dos objetos de estudo recaiu sobre produção consagrada do cinema, em que se pode contar com aprofundado conhecimento prévio das escolhas narrativas e estéticas dos diretores e das direções narrativas características de seus trabalhos, o que contribui para consolidação de informações referentes à enunciação e às expectativas de recepção da obra. A obra cinematográfica *Um corpo que cai*, de Alfred Hitchcock, foi selecionada por trazer, em sua construção fílmica, notável riqueza de elementos discursivos e narrativos passíveis de serem explorados.

2 | REVISÃO DA LITERATURA

Tomando a proposta original dos esforços teóricos de Greimas, a análise semiótica pode ser interpretada como um determinado modo de aproximação do texto, que tem como objetivo desvendar seu sentido. Como em qualquer método de embasamento

científico, em que não é possível empreender a análise de um objeto esgotando as possibilidades de observação, da mesma forma, na proposta de investigação a partir da semiótica, não é possível estudar os textos esgotando todas as suas possibilidades de significação. Entretanto, preconiza-se, nessa linha teórica, a possibilidade de uma abordagem do texto considerando sua constituição em camadas de sentido, a partir das quais pode ser atingido determinado efeito, alicerçado em determinados recursos que incidem sobre seu leitor ou fruidor. Essas camadas seriam três: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo. Segundo Diana Barros:

São estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis. A primeira etapa de percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima. No segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito. O terceiro nível é o discursivo ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação (BARROS, 2011, p. 9).

No nível fundamental, haveria uma primeira tensão, a partir da qual os sentidos no texto seriam direcionados. No nível narrativo, os elementos da oposição fundamental adquiriram um pouco mais de concretude, sendo assimilados por actantes (sujeito, objeto, antissujeito, destinador, antidestinador), mas ainda são fundamentalmente abstrativos. No terceiro dos níveis, o nível discursivo, os actantes do nível narrativo recebem cobertura figurativa. Isso significa que o sujeito deixa de ser uma força narrativa e se torna uma figura concreta, com sinais e signos sensoriais que o situam no tempo, no espaço e na relação de proximidade ou distância em relação ao conteúdo que é narrado. A maior concretude do nível discursivo permite, também, que nessa etapa sejam evidenciadas as marcas enunciativas do sujeito e dos demais actantes. As formações discursivas conseguidas por meio dessas marcas são, comumente, comparadas pelo enunciatário (aquele que recebe o texto de comunicação construídos) com outras marcas historicamente consagradas, possibilitando a construção da intertextualidade, ou seja, da relação de tensão e assimilação entre discursos distintos dentro do espaço de disputa da linguagem pública. Também é no nível discursivo que determinadas situações são recolocadas por diversos discursos, transformando-se em tópicos ou temas, e garantindo coerência dos textos com as demandas culturais e intelectuais de seus consumidores. Em produções consagradas do cinema, pode-se contar com aprofundado conhecimento prévio das escolhas narrativas e estéticas dos diretores e das direções narrativas características de seus trabalhos.

Odair José Moreira da SILVA (2011), na sua tese *“O suplício na espera dilatada: a construção do gênero suspense no cinema”* nos introduz a semiótica greimasiana e explora o gênero *suspense* originada do percurso gerativo de sentido. Os gêneros, pensados como enunciados que comportam um conteúdo temático, um estilo e uma

construção composicional, fundam a identidade fílmica. Seguindo a tese de Odair José, duas características são importantes para o desenvolvimento do gênero *suspense*: o estilo do gênero e o estilo do autor. É por essa razão que Alfred Hitchcock avulta como uma notável figura de análise, sendo precursor do gênero e grande referência quando pensamos em cinema clássico.

A obra cinematográfica *“Um corpo que cai”*, de Alfred Hitchcock, traz em sua construção fílmica notável riqueza de elementos discursivos e narrativos passíveis de serem explorados na análise. O trabalho de investigação sobre as estruturas do filme tem condições de evidenciar suas estratégias de enunciação e amplificar seu valor a partir do reconhecimento de suas particularidades de estilo.

3 | HITCHCOCK E O ESTILO SUSPENSE

Não é à toa que Hitchcock recebeu a alcunha de “mestre do suspense”, pois o diretor revolucionou a indústria do cinema na década de sessenta. Essa alcunha, na verdade, remete ao susto que o estado emocional “suspense” provoca. No entanto, Hitchcock não a recebe apenas por esse efeito, mas também por seus traços de estilo na condução da narrativa, organizados com o intuito de fazer o espectador (enunciário) sofrer, esperando os acontecimentos que virão.

Alfred Hichcock é considerado um representante do cinema clássico, praticado principalmente nos anos anteriores à década de 1960. Esse paradigma cinematográfico, estabelecido a partir da explosão comercial de Hollywood, consolidou parâmetros bem definidos para as produções, tais como clareza, unidade, objetivos claros para as personagens e preocupação com a verossimilhança estabelecida pela aceitação do que é apresentado pelo enunciador como “realidade”. Dentro desse modo historicamente consolidado de fazer cinema, torna-se possível analisar os filmes em suas estruturas narrativas, considerando sua divisão em movimentos internos do enredo.

A concepção de Syd Field sobre a divisão do filme em atos toma como premissa a ideia da estruturação de um filme enquanto unidade de sentido e estabelece aquilo que denomina “paradigma estruturado” de uma narrativa e de um argumento fílmicos. O autor propõe então uma estrutura em que um filme pode ser dividido em três grandes atos: Ato I – a apresentação; Ato II – a confrontação; e Ato III – a resolução. Ele ainda propõe na divisão pontos de virada. Essa divisão de atos é justificada por Syd como

“[...] O Ato I é uma unidade de ação dramática [...] mantida coesa dentro do contexto dramático conhecido como Apresentação. O Ato I apresenta a história, estabelecendo sobre quem e sobre o que ela é, e define o relacionamento entre os personagens e suas necessidades. O Ato II é uma unidade de ação dramática [...] mantido coeso no contexto dramático conhecido como Confrontação. Aqui o personagem principal enfrenta obstáculo após obstáculo no caminho de alcançar sua necessidade dramática. Necessidade dramática é o que o personagem quer ganhar, conseguir ou alcançar durante o transcurso do roteiro. [...] O Ato III é uma unidade de ação dramática [...] mantido coeso no contexto dramático conhecido

como *Resolução*. Resolução significa solução” (FIELD, 1997, p. 18).

Entre a primeira e a segunda metade do Ato II, Syd mostra a necessidade de um Ponto Central, que conectaria essas duas metades. Esses pontos constituem o *Paradigma* na estruturação de um filme.

Se aplicarmos as *Um corpo que cai* o paradigma estruturado ficaria da seguinte maneira:

Ato I (Apresentação)	Ato II (Confrontação)	Ato III (Resolução)
Apresentação PV I (encontro de Scott com Madeleine no restaurante) →	Confrontação PC (Investigação sobre Madeleine e Carlotta) PV II (Scott vê o colar de Judy) →	Resolução (Scott desmascara Judy)

Paradigma estrutural baseado em Field para o filme “Um corpo que cai”

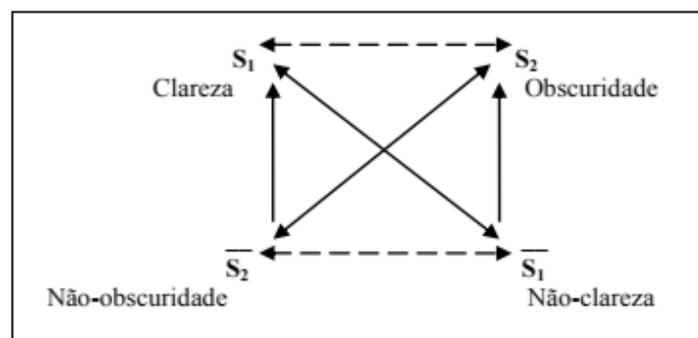
No Ato I somos apresentados ao personagem principal Scott e ao que vai ser a trama do filme seguindo até o que Field nomeia “o primeiro ponto de virada” (PV I), que estaria quase no final do Ato I logo seguindo para a Confrontação, início do Ato II, em que a segunda metade do filme é apresentada. Field também observou que o Ato II, o maior, do mesmo modo apresenta divisão interna. Para esse ato o autor estabeleceu uma divisão em duas metades, sendo o meio do filme. No elo entre a primeira e a segunda, haveria então o “ponto central” (PC), aqui representada pela investigação de Scott sobre Madeleine e, respectivamente, sobre Carlotta. O ponto central, segundo o teórico americano, é um elo na cadeia dramática. Ele enfoca o enredo em uma linha de ação específica, que encaminhará para o ponto de virada II (PV II), no final do Ato II, numa direção, numa linha de desenvolvimento.

Toda a narrativa discursiva gira em torno do segredo de Judy, em manter o segredo de Scott ou contar a verdade. Quando Scott finalmente vê o colar de Judy e percebe toda a trama por trás acontece o segundo ponto de virada, sendo essa essencial para o Ato III e ao fim.

4 | CLAREZA VS. OBSCURIDADE

Como podemos perceber na análise da estrutura narrativa, no âmbito do discurso cinematográfico, *Um corpo que cai* estabelece uma oposição semântica fundamental entre clareza vs. obscuridade que, no nível discursivo, podem ser compreendidos pelas figuras da revelação e do enigma, conforme Odair José Moreira da Silva já citado. Esses termos são contrários, visto que quando postos no sentido do filme, a não clareza é o contraditório de clareza e a não obscuridade é o contraditório de obscuridade. Desse modo, não clareza implica obscuridade e não obscuridade implica clareza.

Fiorin (2005) aponta que os termos de contrariedade se definem pela presença e pela ausência de determinados traços. Os termos contraditórios clareza vs. obscuridade são definidos pela presença e ausência de uma transparência evidente. Clareza e obscuridade possuirão, dessa forma, uma qualificação semântica. Cada um dos termos recebe um valor positivo e um valor negativo. No nível discursivo, podemos dizer, então, que /exposto/ está para /clareza/ assim como /oculto/ está para /obscuridade/, fazendo assim o enigma como oculto e a revelação para o exposto. No quadro a seguir segue um esboço de um quadrado semiótico de filmes do gênero *suspense*:

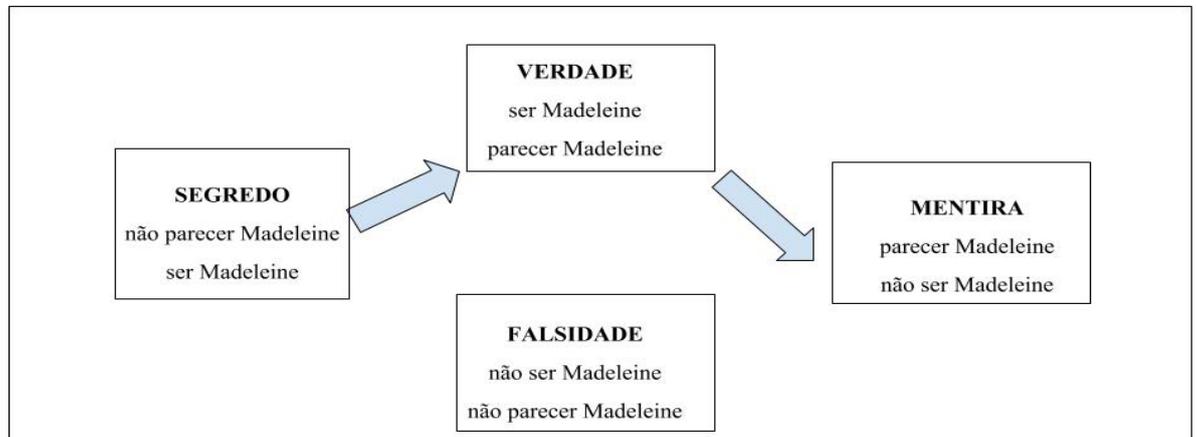


Quadro semiótico de filmes do gênero suspense

A oposição fundamental indicada por como elemento fundamental dos filmes de suspense incide sobre todas as partes do texto cinematográfico de cada um desses filmes. Dessa forma, além de organizar o plano narrativo e discursivo, serve como princípio para análise de cenas específicas, que são representativas do sentido global da obra. Para fins de exemplificação, será destacada a cena de indecisão de Judy após o primeiro encontro com Scott depois da separação deste e de Madeleine.

No Ato II, quando Scott leva Judy para casa depois do encontro, no momento em que os personagens conversam dentro do quarto da moça, o jogo de sombras se faz presente. Judy está nas sombras quando pergunta para Scott se ele tem vontade de sair com ela pela aparência, porque ela o lembra de Madeleine. O espectador já sabe que Madeleine na verdade é Judy, um artifício muito usado por Hitchcock chamado *voyerismo hitchcockiano*, mas o jogo entre contar a verdade e manter o segredo

dialoga com o jogo de sombras na cena. Quando o rosto de Judy está dividido pela sombra e pela luz ela está considerando a possibilidade de contar a verdade (ser, parecer) em detrimento de manter o segredo (não parecer, ser) até que, finalmente, ela vira seu rosto para a sombra e aceita fazer a vontade de Scott, preferindo esconder a verdade e aceitar a troca de favor entre ela e Scott. O quadro semiótico para essa cena ficaria assim:



Quadro semiótico clareza vs. obscuridade do ponto de vista de Scott

A oposição semântica fundamental clareza vs. obscuridade que se estabelece na diegese do filme toma rumos figurativos importantes. Todo o discurso narrativo do filme gira em torno do segredo de Judy e vemos que o jogo de sombras entre luz vs. sombras é construído no plano da expressão, principalmente de Judy, estão relacionado à oposição fundamental clareza vs. obscuridade. Vemos que essa oposição, que serviu para a construção do sentido no nível fundamental, pode ser retoma retomada no plano da expressão, em se tratando da luminosidade (luz física) e respectiva sombra.

5 | CONCLUSÃO

A pesquisa mostra como os desenvolvimentos teóricos da semiótica de linha francesa permitem desvendar estratégias de construção de sentido em textos cinematográficos, levando em consideração as estruturas de gêneros consolidados, como o suspense. Alfred Hitchcock foi um mestre dentro dessa arte e podemos ver sua influência em filmes até hoje. A utilização das características do gênero suspense pode ser vista em duas linhas importantes: o estilo do gênero e o estilo do autor sendo ambos usados com maestria. A utilização dessas ferramentas é o que faz o autor ser o precursor desse gênero, não só pelo efeito gerado no telespectador do estado emocional de “suspense” mas também pelo modo como Hitchcock conduzia sua narrativa, levando o enunciatário, no caso o espectador, esperar os acontecimentos que virão. Seguindo a premissa de Syd Field, a divisão do filme em atos toma

como premissa o filme como uma unidade de sentido. Para isso ele estabelece o que chamamos de “*paradigma estrutural*”, segundo o qual o filme é dividido em três grandes atos: Ato I – a apresentação; Ato II – a confrontação; e Ato III – a resolução. No filme *Um corpo que cai* todos os três atos são apresentados, com pontos de virada e pontos centrais por meio dos quais a trama conecta-se. Seguindo a análise narrativa, destaca-se na obra do cineasta a noção de *clareza vs. obscuridade* presente na cena de Judy e Scott, mostrada cinematograficamente pelo jogo de luzes e sombras. Assim, *Um corpo que cai*, obra de incontestável prestígio estético, revela ainda mais riqueza de informações e possibilidades a partir de uma abordagem semiótica, que leva em conta suas estruturas discursivas e o encadeamento dos elementos de sentido que se evidenciam em uma leitura analítica mais detida.

REFERÊNCIAS

BARROS, D. P. L. **Teoria Semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2011.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, J. L. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, O. J. M. da. **O suplício na espera dilatada: a construção do gênero suspense no cinema**. 2011. 317 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SOBRE A ORGANIZADORA

Anna Paula Lombardi - Possui graduação em Bacharelado em Geografia (2011) e Licenciatura em Geografia (2014) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR. Mestre em Gestão do Território (2014) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Doutora em Geografia (2018) pela mesma Instituição. Bolsista Capes pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior realizado na Universidad Autónoma de Ciudad Juárez/Chihuahua/México pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo no Doutorado em Estudios Urbanos (2017). Conhecimento na área de Geografia e Ensino de Geografia. Atua principalmente nas áreas de espaço urbano, Planejamento Urbano, sociedade; práticas sociais, grupos de minorias, políticas públicas e os estudos da Geografia da Deficiência (the Geography of Disability). Trabalhou como Professora/formadora na UAB no curso de Licenciatura em Geografia pela disciplina de (OTCC) Orientações de trabalho de conclusão de curso pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Atualmente é Docente pela Faculdades CESCAGE e realiza Orientações e supervisões no curso de Especialização em História, Arte e Cultura a distância pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-051-3

